



ENTRELAÇANDO FIOS DOS SABERES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma proposta interdisciplinar na pré-escola

Márcia Tostes Costa da Silva¹
Maria da Graça Nicoletti Mizukami²
Maria de Fátima Ramos de Andrade³

Interlacing the threads of knowledge in early childhood education: an interdisciplinary proposal in preschool

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar as possibilidades da realização de trabalhos interdisciplinares na Educação Infantil a partir da inter-relação em áreas de arte, cultura e linguagens oral e escrita. A interdisciplinaridade é compreendida por Fazenda (1994, 2002) como uma nova atitude diante de conhecimentos de diferentes naturezas. Envolve conexão de saberes, é um trabalho de parceria entre o professor e as crianças. Trata-se de um relato de experiência de uma professora com uma prática de 27 anos na Educação Infantil, especificamente na pré-escola, pertencente à rede pública do município X, localizado na Zona Oeste da Região Metropolitana de São Paulo. A sala, sob sua responsabilidade, possuía 32 crianças com quatro anos de idade. Como resultado, constatamos que a inter-relação entre as áreas só foi possível por meio do trabalho de um professor que dominava o saber de diferentes campos de conhecimentos; utilizava diferentes estratégias de ensino; e possibilitava diferentes espaços e materiais em sua prática pedagógica. Observou-se igualmente o olhar sensível e a escuta atenta para captar as falas e ações das crianças, incorporando-as em sua prática docente.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação Infantil. Professor.

Abstract:

The aim of this article is to analyze the possibilities of conducting interdisciplinary works in Early Childhood Education from the interrelation in areas of art, culture and oral and written languages. Interdisciplinarity is understood by Fazenda (1994, 2002) as a new attitude towards knowledge of different natures. It involves connecting knowledge, it is a partnership work between the teacher and the children. This is an experience report of a teacher with a 27-year-old teaching practice in Early Childhood Education, specifically in preschool, belonging to the public network of municipality X, located in the West Zone of the Metropolitan Region of São Paulo. The room, under his responsibility, had 32 children aged four. As a result, we found that the interrelationship between the areas was only possible through the work of a teacher who mastered the knowledge of different fields of knowledge; used different teaching strategies; and enabled different spaces and materials in their pedagogical practice. It was also observed the sensitive look and attentive listening to capture the children's speeches and actions, incorporating them into their teaching practice.

Keywords: Interdisciplinarity. Early Childhood Education. Teacher.

1. Doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professora de Educação Básica, PEB I, concursada na Prefeitura Municipal de Barueri, SP.

2. Doutora em Ciências Humanas, também pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983). Atualmente é professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Centro de Educação, Filosofia e Teologia/CEFT – Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura).

3. Doutora em Comunicação Semiótica pela PUC/SP e pós-doutorado em Políticas e Práticas da Educação Básica e Formação de Professores pela Fundação Carlos Chagas. Atua como docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie do Programa de Pós-Graduação em Educação Arte e História da Cultura.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a possibilidade de realizar um trabalho de forma interdisciplinar na Educação Infantil, de modo que seja pensado, organizado e gerido por um professor/pesquisador, atento às necessidades de suas crianças e aos eixos norteadores das práticas pedagógicas da Educação Infantil – interações e a brincadeira, conforme orientam as diretrizes curriculares Nacionais de Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Na busca da compreensão de como o professor pode desenvolver uma prática interdisciplinar de modo natural, tal como as coisas se sucedem na vida, recorremos por meio de um relato de experiência, para conhecer a experiência de 27 anos de uma professora da Educação Infantil, especificamente da pré-escola, que há aproximadamente cinco anos, influenciada por estudos individuais e formações docentes realizadas em reuniões pedagógicas em seu local de trabalho, vem trabalhando com projetos que nascem das crianças e que possibilitam a interdisciplinaridade. Neste artigo, apresentamos um de seus projetos em que incorporava a arte, a cultura e a linguagem oral e escrita, vivenciado com uma turma composta de 32 crianças, com quatro anos de idade, pertencente à rede pública do município X, localizado na Zona Oeste da Região Metropolitana de São Paulo.

Inicialmente, apresentamos os conceitos: Os Campos de Experiências, Professor, Criança, Interdisciplinaridade, Arte e Cultura. Na sequência apontamos os caminhos metodológicos: o método de trabalho, a professora da sala, o grupo de crianças e a escola. Em seguida, expomos a apresentação e discussão dos resultados e a conclusão.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é um relato de experiência da professora Jerusa Pereira de Jesus.⁴ Ressalta-se que relato de experiência, não se trata de um relato de pesquisa acadêmica, mas, registro de experiências vivenciadas (LUDKE; CRUZ, 2010). No caso do texto em pauta, o relato refere-se a uma importante prática docente que poderá servir de incentivo para tantas outras que orientam-se pela via da interdisciplinaridade.

Com entusiasmo e alegria, enquanto relatava as suas vivências, a professora mostrava as fotos das experiências das crianças em plena realização do projeto.

A professora Jerusa tem formação em Ciências Sociais e Magistério e possui 27 anos de prática docente com a Educação Infantil, tendo atuado durante todo esse tempo com pré-escola.

A professora por ser generosa e por considerar importante compartilhar experiências com outros docentes, concordou em colocar o seu nome e autorizou a publicação do artigo.

A escolha da professora para relatar a sua experiência profissional, baseou-se no fato de uma das autoras ter atuado na Secretaria de Educação do mesmo município da professora Jerusa e ter recebido boas referências da docente, porque tem uma história de boas práticas e é uma fonte de inspiração para muitos professores da Educação Infantil.

A sua sala era composta por 32 crianças, com a faixa etária de quatro anos, durante a realização do projeto "Elementos da natureza" no ano de 2018.

A escola onde o projeto foi realizado possui mais de mil crianças, ela apresenta uma atmosfera de bem-estar e acolhimento refletida em seus espaços, que demonstram respeito e valorização das crianças e suas produções. Um destes espaços é o quintal, local predileto de todas as crianças, o qual é uma área verde com muitas plantas, árvores, grama e um chão de terra com troncos, madeiras, folhas e outros elementos que, quando encontrados pelas crianças, tornam-se verdadeiros tesouros, que são recolhidos e rendem grandes e valiosíssimas criações e brincadeiras.

O projeto "Elementos da natureza", que passaremos a descrever abaixo, surgiu em maio do ano de 2018 e seu término foi previsto para agosto do ano vigente. Seu fechamento deverá ocorrer com exposição dos trabalhos produzidos pelas crianças em uma reunião de pais, na qual as crianças apresentarão a eles o que realizaram.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: DEFININDO CONCEITOS

Os campos de experiências, conforme aponta a Base Nacional Comum Curricular de Educação Infantil (BNCC), "constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural" (BRASIL, 2017, p. 40).

4. Professora formada em Ciências Sociais pela PUC/São Paulo. Professora de Educação Infantil em período integral, concursada pela Prefeitura Municipal de Barueri desde 1993.

Importante salientar que, mesmo antes de a BNCC instituir os "campos de experiências", o município X desde 2015 já vinha utilizando uma terminologia para definir os componentes de sua Proposta Curricular da Educação Infantil que buscava uma aproximação com os Campos de Experiências da BNCC, consistiam-se em elementos da Proposta Curricular do município X: Eu no Mundo Social e Natural; Linguagem Oral e Escrita; Linguagens Expressivas – Plásticas, Musical e Corporal; e Matemática.

Trabalhar com a proposta de campos de experiências pressupõe um novo conceito de infância, no qual a criança torna-se ator social, competente, ativa, um ser social que já nasce inserido num contexto social (SARMENTO, 2013), trata-se, então, de conceber a infância não como única, universal, mas composta de diferentes infâncias, com diversidades individuais, culturais e históricas (BOB FRANKLIN, 1995 *apud* SARMENTO; PINTO, 2013). E crianças, nesta perspectiva, em consonância com Sarmiento (2013), ao citá-las como ator social, são compreendidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p.12).

Neste sentido, o professor tem diante de si um sujeito rico em competências, curioso, ávido por explorar, conhecer e enriquecer o contexto que o cerca agora enquanto é criança, afastando-se, assim, da ideia da criança vir a ser: ela passa a ser vista como alguém hoje, uma pessoa ativa e sujeito de direitos e de suas ações (GOBBI; PINAZZA, 2015). E, nas palavras da professora, "é por dispor desse potencial imenso que a criança necessita ter contato com as coisas e a escola não pode negar-lhe o direito de explorar, criar e investigar, porque isto é próprio da infância" (Professora Jerusa em entrevista concedida em julho de 2010).

Somente corresponderá de forma positiva com essa nova visão de infância e criança, um professor que possua uma postura de pesquisador, coautor do conhecimento, tanto do seu, quanto das crianças; que seja sustentador das relações e da cultura da criança, questionador das suas próprias imagens de infâncias, apoiando a aprendizagem de cada criança e aprendendo com ela, que faça análise crítica constante da sua prática confrontando-a com a teoria e que seja criador de ambientes e situações desafiadoras (MOSS, 2011).

Também faz parte deste perfil profissional um professor que seja comprometido com suas crianças, que esteja aberto ao novo, ousando novas técnicas e procedimentos de ensino, não desprezando o velho, mas sabendo utilizá-lo como memória para reorientar o presente e que esteja acessível para ouvir e acolher o conhecimento do outro (FAZENDA, 1994).

Neste perfil profissional docente, encontramos os elementos essenciais necessários para a realização de uma prática pautada na interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade, neste trabalho, segue a orientação de Fazenda (2002, p. 11) que a pontua como "[...] uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão". Essa nova postura frente aos conhecimentos escolares pressupõe uma religação de saberes desconectados (MORIN, 2001 *apud* FAZENDA, 1994), que muitas vezes ocorrem na escola por meio de áreas de conhecimentos tomadas de modo isoladas ou desvinculadas da realidade e das questões vividas pelas crianças. Requer um trabalho em parceria entre professores e suas turmas e a comunidade escolar, aproveitando os saberes oriundos das culturas de onde estes sujeitos estão inseridos.

Neste sentido, a interdisciplinaridade nas palavras de Fazenda (1994) é uma arte responsável por amarrar as tramas dos elementos que compõem o tecido do conhecimento para que fiquem bem entrelaçadas, mas maleáveis.

Trabalhar de modo interdisciplinar na Educação Infantil pressupõe situar o sujeito dentro de um contexto histórico, com um conceito de cultura que respeite a sua singularidade e a interpretação que o próprio faz das coisas concernentes a sua vida, que o olhe a partir do local de onde está falando, situando-o na perspectiva de cultura defendida pelo antropólogo Clifford Geertz, que pontua:

O conceito de cultura que eu defendo, (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ, 2013, p.4).

Geertz utiliza-se da semiótica para explicar a sua definição de cultura. "A semiótica é uma teoria que define

o significado de um signo a partir da sua situação de uso" (FARIA, 2014, p. 50). É o sujeito que, ao utilizar o signo, torna-se responsável em atribuir-lhe um sentido, isto porque o signo tem um significado para aquele que o utiliza. A isto equivale dizer que, para compreendermos um signo, é necessário entender o sujeito que o utiliza, conforme Faria (2014).

Para ilustrar o símbolo de uma determinada cultura e suas teias, o autor utiliza-se da figura da briga de galo em Bali, costume bastante comum entre os balineses. Após acompanhar tais eventos e analisar detalhadamente os comportamentos assumidos em seu desenrolar – a linguagem utilizada, os papéis atribuídos a cada participante especificamente masculino, desde o dono do galo até a pessoa responsável por colocar as esporas nos galos –, Geertz percebeu que existia toda uma relação de hierarquia, de jogo simbólico, de regras que não têm relação direta com o animal, mas sim com os homens que se sentem representados nesse costume.

É nesta busca de explicação almejada pelo autor para decifrar a cultura de uma tribo, de um povo, utilizando-se da construção de suas teias e de sua análise, que ele irá propor que, para interpretá-la, o pesquisador, ou quem se detém a captá-la, deverá gastar um tempo nesse contexto.

A imersão em um determinado contexto que se pretende entender faz-se necessária porque as teias que são construídas por um determinado grupo são reveladas no dia a dia – na rua, na escola, nas cerimônias, nas reuniões e outros (FARIA, 2014). A cultura de um povo para Geertz (2013, p. 212) "é um conjunto de textos [...] que os antropólogos tentam lê-los".

Nesta concepção, somente é possível compreender o mundo conceitual dos sujeitos, os significados que atribuem às suas experiências, pela conversa com estes sujeitos aos quais se almeja conhecer. Conversa, para Geertz, tem o sentido de mergulhar nas teias de significados desse grupo, ter um tempo de convívio constante e ser solidário com eles, isso por que, nas palavras do autor, "as sociedades [...] como as vidas contêm suas próprias interpretações (GEERTZ, 2013, p. 213).

Essa ideia de cultura é bastante pertinente à nossa proposta de trabalho porque não é possível tratar de sujeitos sem situá-los em seus contextos e buscar entendê-los a partir de suas localidades. Compreender de que local o sujeito está falando e como se relaciona e constrói seus símbolos, torna-se imprescindível para a realização de um trabalho eficaz com as crianças, especificamente nesta proposta em que a professora

necessitou conhecer o seu grupo, conversar com ele e olhar para a sua singularidade e imergir no mundo infantil a fim de construir conhecimentos de maneira conjunta.

Nesta perspectiva, a arte está intrinsecamente relacionada com a cultura. A arte, segundo Veiga e Cardoso (1995, p. 83), é:

[...] conhecimento, é construção não-verbal possuidora de uma codificação e decodificação específica, é inter-relação de um mundo interno e de um mundo externo. É uma inter-relação entre sujeito e objeto, entre conhecimento e sensações, entre pensar, sentir, fazer, refletir.

A arte é um elemento essencial na formação humana, por meio dela nos tornamos sensíveis e podemos compreender o mundo que nos rodeia, ela possibilita a comunicação e a união entre sujeito e universo. Por isso, desde a mais tenra idade, a arte deve ser incorporada na educação da criança. Arte se aprende, por isso "a tarefa da Educação Infantil é educar o olhar para enxergar a arte, que ocorre de modo processual" (Professora Jerusa em entrevista concedida em 5 de julho de 2018).

A arte somente assumirá o seu significado de conhecimento e linguagem na educação das crianças pequenas se o professor demonstrar uma postura de valorização da arte, evidenciada em uma prática docente coerente entre o agir e o falar, que aprecie as produções das crianças, que proporcione e incentive-as para criações livres, afastando para longe do contexto da sua sala de aula os desenhos prontos para colorir, com cores e formas predeterminadas.

Esse trabalho com a arte que irradia o vigor da vida, com gosto e cheiro de novidade, que emana paixão de fazer algo porque se gosta e lhe dá prazer, requer um novo perfil de professor, que se permita trilhar pelo caminho do sensível, para que possa capturar nos gestos, nas falas, nos olhares das crianças, as suas criações, que dia após dia se espante com as descobertas e a curiosidade das crianças, que esteja aberto aos erros e acertos, visto que, nas palavras da professora Jerusa:

A arte, na educação infantil, é percebida na sutileza das coisas. Ela é todo o fazer da criança, todo processo de criação e de imaginar. Essa liberdade que as crianças têm, [...] liberdade não no sentido que o adulto proporciona, mas liberdade de olhar para uma coisa e falar que isso é isso [...] as crianças são uma fábrica de ideias. Esse processo de criação, de imaginação, de liberdade, de experimentar e a curiosidade que a criança tem pode transformar-se em arte (Professora Jerusa em entrevista concedida em 5 de julho de 2018).

Dentre os diversos motivos citados anteriormente,

reforçando a necessidade do trabalho com arte na educação das crianças pequenas, destaca-se o fato de que é pelo trabalho com a arte que a criança consegue mostrar a nós, adultos, coisas que não conseguimos enxergar, conforme aponta a professora.

Como último elemento, trazemos a base conceitual, na qual a proposta pedagógica da professora está alicerçada. A professora organiza o seu trabalho baseado nas modalidades organizativas segundo a abordagem de Délia Lerner: sequências de atividades (sequências didáticas – município X), atividades habituais (atividades permanentes – município X) e projetos. Esta abordagem, embora tenha sido pensada para o Ensino Fundamental I, no município X foi adaptada à Educação Infantil, respeitando-se os eixos estruturantes intrínsecos ao segmento escolar – as interações e as brincadeiras.

As modalidades organizativas na perspectiva de Lerner (2002) visam a uma articulação de diferentes situações didáticas, ocorrendo em uma dimensão de tempo qualitativo e não quantitativo, tendo o potencial, em sua essência, de desenvolver na criança a competência da leitura e da escrita, de modo que ambas ocorram de maneira inter-relacionada.

As sequências didáticas na Educação Infantil são trabalhadas com leituras em que o professor é o leitor, com temas do interesse da criança e conteúdo do currículo; esta modalidade pode durar algumas semanas e incluir atividades coletivas, em grupo ou individuais.

Os projetos, como define Lerner (2002), surgem como uma atividade mais complexa, na qual diversos aspectos se articulam e se orientam para a realização do propósito. O tempo da realização do projeto é flexível, podendo durar alguns dias ou se desenvolver durante alguns meses. Nos projetos mais longos, as crianças dividem as responsabilidades na organização do tempo e do cronograma das etapas, na divisão de tarefas e na organização do produto final.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: assim nasce um projeto!

A arte se apresenta de forma contagiante e inspiradora na vida e na prática docente da professora.

Ao ser questionada sobre como o projeto foi concebido, a professora disse que o foco foi a natureza, na apresentação de elementos naturais. Assim, com olhos e ouvidos atentos às crianças, ela percebia que o interesse delas pelos elementos da natureza surgia desde os

primeiros dias em que chegavam à escola. Afinal, caçar tesouros, encontrar pedrinhas, folhas de diferentes tonalidades e galhos faz parte das vivências das crianças. Relata que as crianças, em seus deslocamentos pelo espaço escolar, em um determinado dia, trouxeram para o quintal um tronco bem grande, falando que haviam encontrado um cavalo-marinho.

A partir desse encontro com o tronco, a professora começou a pensar nas formas que a natureza poderia ganhar a partir da nossa imaginação. O tronco possibilitou muitas explorações.

Diante do interesse das crianças pelos elementos naturais, foi-lhes apresentado o artista sergipano chamado Cícero Alves dos Santos, conhecido como Veio, que trabalha com madeira e cria diferentes obras com os troncos das árvores.

A proposta foi apresentar o artista, sua história, seu trabalho e as imagens às crianças em roda de apreciação, como é denominada esta estratégia utilizada pela professora para que as crianças apreciassem a obra do artista e fizessem comentários.

Nesta perspectiva, nota-se que a inter-relação entre arte, cultura, linguagem oral e escrita faz-se presente na roda de apreciação e na proposta do projeto possibilitando que a interdisciplinaridade destas áreas surja de modo harmônico, conectado e não forçosamente (FAZENDA, 1994).

Cícero Alves dos Santos utiliza pedaços de madeira e galhos e faz obras lindas e figurativas. Em sua criação, o artista sergipano olha para um galho ou pedaço de madeira e o transforma em uma cobra, elefante, girafa ou qualquer outro elemento que a sua criatividade conceber. Segundo a professora, as crianças também possuem esse olhar e capacidade de dizer que uma coisa é outra.

O quintal, ao mesmo tempo em que se revela um local rico de achados, torna-se um espaço a ser equipado com o que as crianças encontram em outros lugares que consideram dignos de compô-lo. Muitas histórias são escritas e reescritas no quintal, que se constitui um local de celebração, de troca, de fruir de vida, alegria e um espaço de harmonia; até mesmo quando ocupado por uma grande quantidade de crianças, é um espaço onde as invenções e brincadeiras acontecem de modo amigável graças ao poder do brincar e da arte que integra as pessoas entre si e com o universo, e que atua na fruição do sensível (VEIGA; CARDOSO, 1995).

Ao perceber o interesse das crianças pelo tronco, a

professora compreendeu que, se de um tronco poderia emergir tanto potencial, interesse, imaginação e criatividade por parte das crianças, então elas deveriam, durante os próximos dias, buscar mais galhos.

Em um outro momento de visita ao quintal, um menino encontrou uma palha de coqueiro e disse:

"Isso é um peixe."

A professora perguntou:

"Por que você acha que é um peixe?"

O menino respondeu:

"É um peixe porque tem cara de peixe."

(Professora Jerusa, em entrevista concedida em 5 de julho de 2018).

Segundo relato da professora, era somente uma palha, mas, nas mãos criativas da criança e após ser pintado, recebeu boca e olhos e, portanto, não tinha o que o diferenciava de um peixe. Então, ela afirmou: "É um peixe mesmo!" (*Ibidem*)

É interessante observar que, para compreender o que a criança desejava comunicar e valorizar e legitimar o seu pensamento, ou seja, que aquela palha, mesmo sem passar pelo processo de transformação já exibia o sentido de peixe, houve uma disposição por parte da professora para imergir no mundo daquele menino, dispondo-se a apreender os significados que aquele simples objeto possuía (GEERTZ, 2013).

Nota-se que, de modo prazeroso, os conhecimentos estão sendo construídos e um trabalho interdisciplinar vai ocorrendo de modo natural entre professor e sujeito, unindo arte, linguagem oral e cultura (FAZENDA, 1994). Ao mesmo tempo em que a criança educa o seu olhar para arte, ela aprimora o seu poder de argumentação, de elaboração de sentenças e a professora, neste momento, assume a tarefa privilegiada de orientá-la.

No decorrer das múltiplas e valiosas experiências de construção de conhecimento que as crianças realizavam no quintal, extraindo dele elementos para o brincar e o criar, a professora estava sempre presente, acompanhando suas falas, dando vazão à imaginação, olhando e escutando atentamente o que as crianças queriam mostrar-lhe; afinal, das interações com os objetos, em meio ao brincar e produzir arte espontaneamente, saíam temas para aulas e projetos, que, juntamente com o olhar capacitado da professora, rendiam aprendizagens significativas e eficazes.

Com essa atitude, a professora fazia valer a máxima de Malaguzzi (1999) quando expressava que o professor deveria ter menos planos de aula e mais foco na criança. Sobre essa imersão, ela ainda contou: "quando íamos

embora, parece que os nossos sapatos tinham saído de uma obra. Porque a gente entra no quintal, a gente escuta as crianças e isso é bem legal [...] Isso tem me ajudado bastante" (Professora Jerusa em entrevista concedida em 5 de julho de 2018).

Estar mergulhada no meio em que as crianças realizam suas descobertas e constroem a sua cultura, falando com elas, para que partam delas o significado das coisas e não da interpretação da professora, é algo que se alinha à teoria proposta por Geertz (2013).

Realizar uma prática acreditando no potencial da criança, com um trabalho de ressignificar a arte e por um viés interdisciplinar, como aponta este último, requer uma nova postura docente de lidar com os conhecimentos, de retirar do passado o que pode contribuir com o presente, de revisitar a memória para trazer as riquezas para orientar e corrigir o presente e também para saber lidar com as intempéries da realidade escolar. A professora ilustra o fato de saber nortear e reorientar a sua prática diante das dificuldades que surgiam; para exemplificar isso conta que, um dia, ao chegar ao quintal, deparou-se com uma limpeza realizada pelos funcionários da prefeitura que, julgando estar no cumprimento de seu dever, cortaram e recolheram os galhos, podaram as plantas e retiraram as madeiras para limpar o local. A professora disse ter ficado chocada, porque parte do acervo do seu trabalho e das crianças havia sido descartado, acervo este que havia sido gentilmente ofertado pela natureza e aproveitado pelas crianças em criações e brincadeiras diversas.

A capacidade de nortear e reorientar a prática docente em situações adversas, como lidar com salas superlotadas, falta de material ou o atraso do envio deste à escola no início do ano letivo, dificulta o trabalho, mas não o impede, como ressalta a professora:

Esse ano, não sei se é pela quantidade de crianças, pelo ano que começou sem material nenhum [...] por um lado foi bom, porque a gente encontrou o que já tinha aqui mesmo no nosso espaço. O que a gente tinha disponível para trabalhar – a natureza. A gente tem várias coisas, as folhas, as pedras, os fenômenos, o vento, várias coisas (Professora Jerusa em entrevista concedida em julho de 2018).

A cada experiência que as crianças vivenciavam com o projeto, iam fazendo novas conexões com os saberes, incluindo a realização de desenhos de observação de diferentes tipos de folhas. E ainda, complementa a professora, "isso porque cada criança tem um olhar específico para o que está observando e, assim, nas trocas feitas na apreciação de seus desenhos, vamos ampliando o percurso de criação de cada uma delas"

(JESUS, 2017, p.15).

Segundo a professora, a última etapa do projeto da sala será a escrita por parte das crianças dos nomes das suas produções (conforme as suas hipóteses e possibilidades), que depois serão expostas e apresentadas aos familiares em uma exposição. Nota-se que, de forma bem articulada nesta prática docente, os fios dos campos de conhecimentos – arte, linguagem oral e escrita e cultura – são tecidos, formando a trama que ocorre de modo interdisciplinar (FAZENDA, 2002).

Importante salientar que alguns elementos foram essenciais para a realização do projeto "Elementos da natureza" e outros tantos projetos que a professora desenvolve: a liberdade que é ofertada às crianças, os meios e o respeito ao seu tempo; quanto aos últimos, a professora afirma "quando lhes são oferecidos os meios e o tempo necessários, crianças inventam com criatividade e têm como resultado obras inesperadas e surpreendentes" (JESUS, 2017, p. 15).

Entende-se que, muito embora a interdisciplinaridade na Educação Infantil esteja presente nas Diretrizes Curriculares de Educação Infantil (BRASIL, 2010), como uma pertença natural desta Etapa da Educação, devido ao fato da compreensão da criança como ser integral e ao seu processo educacional acontecer pela via da integração entre o educar e o cuidar de modo indissociável, para muitos universos da Educação Infantil, esse direcionamento está longe de realizar-se na prática pedagógica. Isso evidencia-se em diálogos nas formações com os professores, quando compartilham suas angústias, frustrações e inseguranças por não saberem articular os conhecimentos, ou ainda, em observações realizadas ao acompanhar a execução de suas propostas de trabalho, nota-se que interdisciplinaridade ocorre de maneira forçosa, evidenciando a dificuldade dos docentes no religar saberes desconectados e conectá-los as realidades das crianças, aproveitando seus conhecimentos.

Portanto, compreende-se que trabalhar na perspectiva da interdisciplinaridade na Educação Infantil requer que esta etapa da Educação possua bons professores em suas salas, isto equivale a profissionais conhecedores dos conteúdos do currículo, estudiosos, pesquisadores na busca de como melhor atingir cada criança, sabedores do desenvolvimento infantil e abertos para acolher as suas novidades, com o intuito de conectá-las aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (BRASIL, 2010).

5. CONCLUSÃO

Com este trabalho, procuramos mostrar que é possível realizar um trabalho significativo e eficaz na Educação Infantil permeado pela interdisciplinaridade dos diferentes saberes do conhecimento. Isso se torna perfeitamente possível porque o conhecimento da criança ocorre de modo integral; ao se debruçar sobre uma experiência, a criança se envolve por inteiro pelos sentidos, emoção, cognição, isto porque possui uma característica essencial admirável que é a generosidade em compartilhar.

Trabalhos na vertente da interdisciplinaridade como o que fora apresentado, envolvendo áreas tão ricas como a arte, a cultura e a linguagem oral e escrita – campos tão essenciais para o desenvolvimento humano –, quando somados à sensibilidade e à percepção de um professor atento e preocupado com o humano, podem produzir uma exuberante gama de aprendizagens e conhecimentos efetivos.

É interessante notar a maneira como a interdisciplinaridade foi ganhando corpo na proposta, com o projeto da professora amarrando pontas do conhecimento sem deixar nenhuma solta, fazendo as tramas dos saberes entre arte, cultura e linguagem oral e escrita, alimentando e retroalimentando as curiosidades, os interesses das crianças e da professora, porque nas palavras dela "as crianças nos ajudam a olhar as coisas a partir do seu olhar" (Professora Jerusa, em entrevista concedida em julho de 2018).

Acreditamos que, com um professor competente, que domine os conhecimentos, as técnicas, os instrumentos, sabendo aproveitar os espaços disponíveis e criar novos, tendo flexibilidade para gerir as dificuldades, e sendo aberto ao novo e ao coletivo, temos um conjunto promissor para trilhar um caminho de prática docente interdisciplinar efetiva na Educação Infantil. O caminho muitas vezes será árduo, mas recompensador porque, nas palavras da professora, "na caminhada das crianças pela escola, elas vão caminhando e levando para sala" (Ibidem), levando um mundo de conhecimento a ser aproveitado, ressignificado, valorizado por outros educadores como esta professora e tantos outros que se debruçam a ouvir e olhar para as crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_práticas_cotidianas.pdf. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. (Versão dezembro 2017). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 04 fev. 2022.

FARIA, T. B. B. da C.. **Aproximações entre a antropologia interpretativa de Clifford Geertz e a abordagem histórico-cultural em psicologia de Lev Vigotski**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação – Campinas, SP: 2014.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: História, Teoria e Pesquisa. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994 (2008).

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**: Um projeto em parceria. 5. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2002 (1991). V. 13, Coleção Educar. 119 p.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. [Reimpr]. Tradução de: The interpretation of cultures. [Livro Eletrônico]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOBBI, M. A.; PINAZZA, M. A. Linguagens infantis: convite à leitura. In: GOBBI, Márcia Aparecida; PINAZZA, Mônica, Apezato (Orgs.). **Infância e suas linguagens**. [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2015.

JESUS, J. P. Liberdade para criar. **Revista Avisa Lá**, número 72, novembro 2017.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. (Tradução) Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86-107, 18 dez. 2010. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/20/18>. Acesso em 12 abr. 2022.

MOSS, P. Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais. In: MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M.. **As crianças e a infância**: definindo conceitos, delimitando o campo. Disponível em: <https://pactuando.files.wordpress.com/2013/08/sarmento-manuel-10.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

VEIGA, I. P. A.; CARDOSO, M. H. (Org.) **Escola fundamental, currículo e ensino**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.